

A Nova República e a burocracia cultural

Ministro Aluísio Pimenta *



“A cultura no Brasil tem sido relegada a segundo plano”. A declaração é do atual ocupante da Pasta da Cultura, ministro Aluísio Pimenta. Nesta entrevista, ele fala sobre o ministério e adverte sobre o perigo da burocracia cultural.

INTERCOM: *Qual a sua opinião sobre os desdobramentos dos Ministérios da Educação e Cultura e da Ciência e Tecnologia?*

Aluisio Pimenta: Considero dois problemas distintos. O primeiro, refere-se ao desdobramento do Ministério da Educação e a criação do Ministério da Cultura e é um assunto polêmico, sobre o qual eu tenho meditado muito. Tenho considerado as vantagens e desvantagens deste desdobramento, pois existem os dois lados da questão. Creio que no Brasil a cultura tem sido relegada a segundo plano. Quando falamos em cultura referimo-nos em geral a apenas uma de suas dimensões, a artística, que embora seja, sem dúvida alguma, muito importante, é somente um dos seus aspectos. Entretanto, a cultura em sua dimensão antropológica, no sentido de nos voltarmos às aspirações do povo em geral, no processo de desenvolvimento cultural da nação brasileira, tem sido esquecida. O Brasil possui raízes indígenas, africanas e européias, e, entretanto observamos que não há nas universidades uma cadeira que se dedique ao estudo da cultura negra, existindo apenas iniciativas longínquas de uma ou outra universidade.

A existência do Ministério da Cultura tem a vantagem de conferir presença, de mostrar a necessidade de nos dedicarmos mais aos problemas da cultura, em seu sentido mais amplo. É preciso, nos termos mesmo do que faz a Secretaria da Cultura do Ministério da Educação, dar mais força, maior possibilidade de recursos e conseqüentemente, como já dissemos, maior presença, uma visibilidade mais ampla, que se tornaria possível com a criação de um Ministério especificamente dedicado à cultura.

Por outro lado, um lado que poderíamos chamar de perverso, se é que é um lado perverso, seria

possibilitar uma excessiva intromissão do governo na questão cultural, principalmente em nosso caso, na América Latina, onde existe esta tão lamentável tradição dos governos militares. Se tivéssemos um Ministério da Cultura nas mãos de uma ditadura seria desastroso. Temos, como exemplo disto, o que ocorreu na Alemanha nazista. Felizmente tenho esperanças, pois pessoalmente acho que, com a terceira República, estejamos encerrando o ciclo dos governos militares no Brasil. Faço votos para isso, e não apenas votos, faço força para que isso aconteça, e, efetivamente, não tenhamos mais nenhum ciclo de governos militares. Dessa forma, se colocarmos em uma balança vantagens e desvantagens de um Ministério da Cultura, acredito que as vantagens superam as desvantagens.

Outro aspecto que não deve ser esquecido, e que, eventualmente poderia ser catalogado como desvantagem, é o afastamento entre cultura e educação. Em um país do Terceiro Mundo, como o nosso, a base da educação tem que ser a base cultural. Caso o processo educativo brasileiro não se desenvolva dentro da nossa cultura, dando ênfase ao estudo da língua pátria, da nossa história, corre-se o risco de pensar que cultura e educação são coisas distintas, quando de fato estão intimamente interligadas.

Existem muitos países que não possuem Ministério da Cultura, como, por exemplo, os Estados Unidos, mas de acordo com um levantamento que fizemos na Fundação João Pinheiro, sobretudo em países socialistas, existem países que possuem Ministérios da Cultura extremamente ativos. Pessoalmente considero que devemos partir para essa experiência, sobretudo com um homem da inteligência do dr. José Aparecido de Oliveira, cujo trabalho na Secretaria de Cultura de Minas Gerais foi

excelente. Diante disso, e usando uma expressão pouco protocolar, eu diria "que vale a pena pagar para ver".

O mais importante é nos precavermos contra a burocracia da cultura, pois se isso viesse a ocorrer seria desastroso para todos nós. Espero que isso não ocorra e que possamos coordenar todos os setores ligados ao campo da cultura, as artes, as humanidades, a cultura popular, incluindo-se uma coisa que é pouco comum no Brasil que é o estudo da cultura das empresas, que poderá se constituir em um projeto para o futuro.

Levando-se em consideração prós e contras, ainda considero, em termos gerais, a criação do Ministério da Cultura como uma experiência vantajosa.

Quanto ao Ministério da Ciência e Tecnologia as coisas são diferentes, e minhas preocupações mais amplas. No Brasil brindamos o setor da Ciência e Tecnologia, primeiro com o FINEP, financiador de projetos, no setor de empresas temos a chamada STI — Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, somando-se à elas a Secretaria de Informática, subordinada diretamente à presidência da República, enfim uma série de órgãos, de diferentes subordinações, e que deverão integrar o Ministério da Ciência e Tecnologia.

Evidentemente a coordenação destes órgãos será complexa, exigindo uma atuação equilibrada do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas que permita a essas atuais secretarias liberdade de atuação dentro de um planejamento comum, dentro de um critério harmônico, tornando positiva a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia. A heterogeneidade dos órgãos citados poderá acarretar em um primeiro momento alguma dificuldade de relacionamento, mas a

sua atuação em separado é sem dúvida alguma menos produtiva.

Tenho uma grande esperança que a criação desse Ministério traga uma significativa contribuição para a Universidade Brasileira, que dela muito necessita. Também a Universidade, por seu lado, poderá contribuir nesse campo, sobretudo se quem vier a ser encarregado desse Ministério tiver a sensibilidade e a coragem de resistir ao colonialismo cultural, que existe tanto neste setor quanto no da cultura.

Acho vantajoso e tenho esperanças em um Ministério da Ciência e Tecnologia, mas supondo-se que não dê certo, sempre poderemos voltar, a menos que a burocracia tome conta de tudo e tenhamos mais um cabide de empregos, o que, certamente, seria um desastre.

INTERCOM: A seu ver, qual o papel da cultura no novo pacto social?

Aluísio Pimenta: Bem, eu acho que em um país em desenvolvimento a cultura deveria permear todos os setores da administração e da política. Infelizmente isso não acontece, talvez devido àquele conceito de cultura como alguma coisa clássica, alguma coisa de elite, esquecendo-se que a cultura se liga às classes menos favorecidas e ao seu trabalho, e aí que incluímos aquele conceito de cultura de empresa a que nos referimos anteriormente. Essa cultura de empresa, a cultura da instituição, deve ser levada em consideração em termos do pacto social.

Infelizmente não temos tradição nessas coisas e nos baseamos, no momento, no caso espanhol. É preciso lembrar que o Brasil não se compara à Espanha, eu diria mesmo que até à nível de América Latina não existe nenhum país

“A Universidade perdeu a presença. Os reitores são verdadeiros síndicos encarregados de pequenas medidas. É preciso libertar a Universidade”.

com as mesmas características do Brasil. As diferenças vão desde a tipologia universitária até todas as demais caracterizações. Nós somos outra cultura, e, diante disso, temos que pensar um pacto social flexível, dentro de nossas condições, sem procurar impor nada, nem da parte do governo e empresários, nem da parte dos trabalhadores. Precisamos de um pacto dentro das nossas características culturais para que o mesmo não resulte em um pacto que dê força ao empresário em detrimento do empregado, um pacto que simplesmente visasse a manutenção do *status quo*.

O pacto social tem que ser um pacto para a mudança, dentro do entendimento. Precisamos de um pacto voltado para o operário, que está desempregado, ganhando pouco. É necessária nesse momento uma redistribuição de rendas, pois sem essa redistribuição não há pacto social. E por que não há? Não há porque o Brasil de hoje é inviável no capitalismo. Produção há, mas não existe quem compre. Visite os açougues, eles estão cheios de carne mas o operário não pode comprá-la. Para que haja um pacto social dentro de nossas características é imprescindível uma mudança. Um pacto social que vise a manutenção de hegemonia do patrão sobre o empregado será como a muito apreçoada por aí, liberdade da raposa e da galinha: a raposa tem a liberdade de comer a galinha, e, a

galinha tem a liberdade de ser comida.

Isso não é pacto, não é consenso, é imposição!

INTERCOM: Diante disso como é que ficam a sociedade civil e políticas culturais alternativas?

Aluisio Pimenta: Está aí outro assunto da maior importância. No Brasil o grande problema é a educação para a cidadania. Uma educação para que a pessoa possa ser crítica consigo mesma e com seus direitos e deveres. Em uma importante reunião de educadores aqui em Minas, de que participei, discutimos isso. O Brasil, não apenas nesses 20 anos, mas sobretudo nesses 20 anos, perdeu muito das características de nação brasileira. O colonialismo cultural foi enorme. Se você observa a Amazônia boa parte dela está nas mãos de estrangeiros, havendo propriedades de dimensão igual ao do Estado de Sergipe, e outros pequenos Estados do Nordeste. O colonialismo cultural atingiu a universidade e temos aí a universidade brasileira com tanta coisa mal-copiada da americana. Quando ouvimos rádio temos dificuldade de encontrar alguma coisa brasileira. Não sou xenofobista nem contra os estrangeiros, mas é preciso ser nacionalista, ser mais brasileiro. É preciso enfatizar no Ministério da Cultura a cidadania brasileira. Enfatizar a cidadania, enfatizar a cultura que seja a base do desenvolvimento do país.

Não conheço nenhum país que se tenha desenvolvido sem uma base cultural. Não existe modelo de desenvolvimento desprovido de base cultural, e é por isso que o modelo brasileiro não existe. O que temos é uma colcha de retalhos copiada de modelos americanos, ingleses, franceses e alemães. Temos que desenvolver estudos para fazer do modelo brasileiro a base de nossa sociedade. Um modelo a favor do Brasil e não contra o Brasil. O nosso modelo, que deverá considerar as diferenças regionais, as características culturais diferentes, conservando uma certa individualidade na diferença que todos nós temos. A busca da individualidade dentro da nossa cultura, para o que precisamos convocar toda a sociedade brasileira a fim de que tenhamos uma evolução cultural com a participação ampla de todos.

INTERCOM: E o papel da universidade na atual conjuntura?

Aluísio Pimenta: Acho fundamental. No Brasil o governo ainda não se deu conta disso. Nos últimos 20 anos as universidades tornaram-se caóticas. A universidade brasileira está sob intervenção. Quando fui reitor, tinha autonomia para nomear professores, desenvolver programas próprios, criar unidades, naturalmente dentro de uma legislação geral, que é necessária. Hoje a universidade perdeu a presença, os reitores são verdadeiros síndicos encarregados de pequenas medidas, mas sem poder andar abertamente para desenvolver a universidade indo de encontro aos reais problemas do Brasil. É preciso libertar a universidade, deixar que ela cometa alguns erros, mas vamos livrá-la dentro de sua importante função social, dando um bom ensino, um ensino excelente. A universidade só será universidade se

for excelente, e dentro dessa excelência tem que voltar-se aos problemas sociais e culturais. Ela tem que colaborar com a comunidade, assumir seu papel na cultura brasileira em seu sentido mais amplo, em seu sentido antropológico, cultura no sentido cinema, rádio, televisão, das novas tecnologias que estão aí permeando.

Nós acabamos de ter aqui o fenômeno dos Menudos, que me preocupou profundamente. Por que? Três ou quatro meninos, muito bons e tal, e que empolgam a meninice aqui e na América Latina, e que até certo ponto têm uma mensagem que eu não consigo ver. Eu não consigo ver, mas os meus netinhos eu não consegui segurar em casa. O filho de todo mundo estava lá. O fato é que setenta mil meninos encheram o Mineirão, talvez por falta de nós não termos uma política cultural, de nós não termos uma mensagem, mensagem que estes meninos estão dando e que nós não demos. Não adianta ser contra os Menudos, porque os meninos passam em cima de nós e vão. Da mesma forma não adianta ser contra os joguinhos eletrônicos. O que temos que fazer é estabelecer opções, opções brasileiras com uma mensagem profunda, simples e boa que a meninana aceite. Dentro dos joguinhos eletrônicos uma mensagem aproveitando nossa fauna, flora, nossa história. Para isso é preciso capacidade, criatividade, sensibilidade. O grande desafio da universidade brasileira é o de voltar-se, sem perder qualidade, sem perder excelência, para os problemas brasileiros. Seu papel é fundamental sobretudo depois desses 20 anos de autoritarismo, pois as seqüelas do governo autoritário e da ditadura são piores do que a própria ditadura e o próprio governo autoritário em si. É preciso impedir que as seqüelas

da ditadura distorçam a cultura brasileira, atuando efetivamente dentro desse campo.

INTERCOM: E a crise econômica e sua saída pela cultura?

Aluísio Pimenta: Acho que estamos distorcendo muita coisa no Brasil com relação à própria crise econômica. Tomemos como exemplo a nossa alimentação, que a meu ver poderia ser muito mais rica. Estive no Recife, à convite da Fundação Joaquim Nabuco, e fiquei alojado em uma hospedaria. Realmente uma beleza, sendo que a comida me impressionou muito: cuscus, um queijo especial de fabricação local delicioso, tapioca, enfim uma alimentação de primeiríssima qualidade feita de coisas nossas, e de custo muito mais baixo. É o que nós fazemos? Abandonamos tudo isso e passamos a consumir alimentos, que nada tem a ver com a nossa realidade e a nossa cultura, à um custo muito mais elevado.

Então, agora, estamos falando no problema cultural, e considero extremamente interessante todas estas perguntas. Realmente o importante é olhar a questão cultural no seu sentido antropológico, em seu sentido totalizante que atinge todas as áreas. Tome a nossa arquitetura como exemplo, e você verá que ela não se adequa à nossa realidade. Temos nove meses por ano de sol, mas fechamos tudo e instalamos luz artificial, enquanto a luz natural grita lá fora. Olhe o nosso vestuário, terno, gravata, totalmente inadequado para o nosso clima tropical. Até mesmo no setor farmacêutico que atualmente fatura cerca de dois bilhões de dólares, quando oitenta por cento de nossas doenças podem ser curadas com o chazinho de casa, típico da nossa cultura, enquanto que somente as realmente graves necessitam de medicamentos.

INTERCOM: E sobre a Cultura e a Constituinte?

Aluísio Pimenta: A Constituinte é fundamental do ponto de vista da educação, da economia, e evidentemente de tudo aquilo que engloba a cultura. É a grande saída nesse momento. Precisamos nos reunir, e discutir todos esses aspectos, para podermos fazer frente a todos aqueles que estão se reunindo para impedir que possamos introduzir na Constituição brasileira artigos básicos que permitam ao Brasil assumir sua posição de nação livre e soberana. É fundamental que tenhamos uma constituição flexível, mas ao mesmo tempo, muito corajosa, que impeça, por exemplo, que os meios de comunicação estejam a serviço de forças anti-brasileiras. É preciso impedir que a educação seja colocada a serviço da colonização do Brasil. Impedir que a arte brasileira e suas manifestações culturais se coloquem a serviço de forças contrárias à comunidade. Não tenho nada contra a que os canais de televisão estejam à serviço de empresas, mas ao lado disso são necessários canais de televisão à serviço das universidades, dos centros culturais e das nossas diferentes etnias.

A Constituinte é nesse momento a grande saída, e para que ela atinja seus objetivos é fundamental que nos reunamos com muita coragem, com muita inteligência e muita dedicação, para estarmos preparados para a defesa de uma constituição que realmente seja a serviço do Brasil e não contra o Brasil."

* Entrevista concedida em 11-3-85. Nessa ocasião, Aluísio Pimenta era presidente da Fundação João Pinheiro, não ocupando ainda o cargo de ministro da Cultura do governo Sarney. O roteiro da entrevista foi feito por Ada F. D. Dencker e sua realização coube a José América Ribeiro.